



Rev Bras Futebol 2020; v. 13, n. 1, p. 73 - 91

Artigo Original
Sociologia do Esporte

**O CONTRATO LÚDICO NA PRÁTICA DO FUTEBOL LAZER – ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO
SOCIAL COM PRATICANTES MORADORES DE COMUNIDADES DE BAIXA RENDA NO
MUNICÍPIO DE VIÇOSA EM MINAS GERAIS**

**THE LUDIC CONTRACT IN RECREATIONAL SOCCER PRACTICE - STUDY OF SOCIAL
REPRESENTATION WITH PRACTITIONERS RESIDENTS OF LOW INCOME COMMUNITIES IN
VIÇOSA, MINAS GERAIS**

José Geraldo do Carmo Salles
Prof. Dr. Universidade Federal de Viçosa

Israel Teoldo Costa
Prof. Dr. Universidade Federal de Viçosa

Vera Lúcia de Menezes Costa
Prof. Dr^a. Universidade Veiga de Almeida

Endereço de correspondência:

José Geraldo do Carmo Salles

Universidade Federal de Viçosa – Dep. Ed. Física

Viçosa – MG – Brasil – CEP: 36570-000

Contato: jgsalles@ufv.br

Salles, JGC.; Costa, IT.; Costa, VLM. Lúdico na prática do futebol. Rev Bras Futebol 2020; v. 13, n. 1, p. 73 – 91.

O CONTRATO LÚDICO NA PRÁTICA DO FUTEBOL LAZER – ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL COM PRATICANTES MORADORES DE COMUNIDADES DE BAIXA RENDA NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA EM MINAS GERAIS

RESUMO:

Introdução: O futebol é o principal pilar de sustentação da cultura esportiva brasileira. A modalidade está inserida em todas as regiões do país e absorve a atenção de diversas camadas sociais nas mais distintas faixas etárias. Na condição de lazer ocupa um papel central seja na prática cotidiana ou na relação estabelecida com o clube pelo qual o indivíduo torce e dedica sua atenção emocional. O brasileiro estabeleceu com a modalidade uma rica rede de interações que pode ser observada naturalmente na estrutura social.

Objetivo: Compreender como é estabelecido o contrato lúdico na prática do futebol lazer e também como o praticante de futebol representa esta prática.

Metodologia: A investigação foi do tipo exploratório, com análise desenvolvida baseada na abordagem qualitativa. Os instrumentos utilizados foram a observação direta e a entrevista semiestruturada, em que utilizou-se o recorte das falas dos informantes para dar suporte a tessitura do texto. A amostra foi constituída por praticantes de futebol-lazer de um campo localizado em uma favela (Escorpião) no município de Viçosa, localizado no estado de Minas Gerais. O referencial teórico teve suporte nos apontamentos de Parlebas, Simmel e Elias.

Resultados: Pelos relatos dos informantes o grupo se formou voluntariamente (amigos, vizinhos, parentes, convidados) ao final dos anos de 1990. São aproximadamente 100 integrantes, que usufruem do espaço físico. Os adultos têm prioridade sobre as crianças e adolescentes que utilizam o mesmo espaço nos encontros que ocorrem aos finais de semana e em feriados. Nestes dias as crianças jogam e brincam nos espaços marginais do campo, enquanto as mulheres estabelecem relações sociais de cunho verbais sem participação no campo esportivo. O contrato lúdico é estabelecido sobre a forma de organização, os vínculos afetivos e a permanência no grupo. Entretanto, o que funda o contrato é a confraternização que os encontros esportivos proporcionam.

Conclusões: O futebol sugere ser o eixo basal dos encontros sociais da comunidade. Entretanto, como justificar a presença das mulheres e crianças que não jogam? Parecem existir outros fatores socializantes que surgem desta modalidade, ocasionando diferentes quadros nas relações sociais. O futebol lazer aparece como um espaço de transgressão da rotina diária das pessoas. No campo, ainda que por pouco tempo, há uma tentativa de descomprometimento com as imposições sociais, promovendo um espaço de festa e confraternização dos amigos e da família.

Palavras chave: Futebol-lazer; favela; contrato lúdico.

THE LUDIC CONTRACT IN RECREATIONAL SOCCER PRACTICE - STUDY OF SOCIAL REPRESENTATION WITH PRACTITIONERS RESIDENTS OF LOW INCOME COMMUNITIES IN VIÇOSA, MINAS GERAIS

ABSTRACT:

Introduction: Soccer is the main basis for Brazilian sports culture. The sport is inserted in all regions of the country and absorbs the attention of different social layers in the most different age groups. In a leisure condition, it plays a central role, both in everyday practice or in the relationship established with the club for which the individual supports and dedicates his emotional attention. The Brazilian established with the sport a rich network of interactions that can be observed naturally in the social structure.

Objective: Understand how the ludic contract is established in the practice of soccer leisure and also how the soccer practitioner represents this practice.

Methodology: The type investigation was exploratory, with analysis developed based on the qualitative approach. The instruments used were direct observation and semi-structured interview, in which the informants' statements were used to support the text's structure. The sample consisted of soccer-leisure practitioners from a field located in a slum (*Escorpião*) in the city of Viçosa, located in the state of Minas Gerais. The theoretical reference was supported by the notes of Parlebas, Simmel and Elias.

Results: According to the informants' reports, the group was formed voluntarily (friends, neighbors, relatives, guests) at the end of the 1990s. There are approximately 100 members who use the physical space. Adults have priority over children and adolescents who use the same space in gatherings that occur on weekends and on holidays. On these days children play and have fun in the marginal spaces of the field, while women establish verbal-based social relationships without participation in the sports field. The ludic contract is established on the form of organization, affective bonds and permanence in the group. However, the foundation of the contract is the confraternization that sports gatherings provide.

Conclusions: Soccer suggests that it is the basic axis of the community's social gatherings. However, how to justify the presence of women and children who do not play? There seem to be other socializing factors that arise from this sport, causing different frames in social relationships. Soccer-leisure appears as a space for transgressing people's daily routine. In the field, even for a short time, there is an attempt to disengage from social impositions, promoting a space for parties and confraternization of friends and family.

Key-words: Soccer-leisure; slum; ludic contract.

INTRODUÇÃO

O futebol é o principal pilar de sustentação da cultura esportiva brasileira. A modalidade está inserida em todas as regiões do país e absorve a atenção de diversas camadas sociais nas mais distintas faixas etárias. Na condição de lazer ocupa um papel central, seja na prática cotidiana ou na relação estabelecida com o clube pelo qual o indivíduo torce e dedica sua atenção emocional. O brasileiro estabeleceu com a modalidade uma rica rede de interações que pode ser observada naturalmente na estrutura social.

*“Minha mãe diz que a primeira vez que ela pode me comprar um presente, foi uma bola de futebol. Eu tinha uns 10 anos. Disse ela que começou a chorar de ver como eu fiquei feliz. Ela falou assim: como podia uma coisa tão simples ser capaz de fazer meu filho tão feliz?”
(Inf. K – 28a)*

No universo sociocultural brasileiro há um consenso sobre a posição central do futebol no lazer. Este vínculo manifesta-se em todas as instâncias sociais, atingindo qualquer classe, faixa etária, raça e sexo. A constatação desta realidade foi possível através de um estudo exploratório da prática de futebol entre populares de classe economicamente desfavorecida realizado na cidade de Viçosa–MG (Brasil).¹ Neste estudo buscamos compreender o contrato lúdico estabelecido de forma prática entre moradores de uma comunidade do município.²

Embora os objetivos sejam diferenciados, a estruturação do futebol como sinônimo de lazer e opção popular deve ser objeto de reflexão diante dos comportamentos observados no dia a dia. Na análise de Rosenferd (1993), uma apresentação concisa do futebol como fenômeno social de primeiro plano em nossa vida poderia contribuir de alguma forma par o conhecimento da atual sociedade brasileira. Para Meihy e Witter (1982), o futebol é um importante veículo de permanência de valores sociais devido a sua permanente manifestação de massa no Brasil. Para esses autores, trata-se de um “esporte que abriga componentes variados de contradição. Em níveis distintos, a solidariedade e a disputa coexistem dando sentido a uma modalidade esportiva que une e separa, promove e destrói que alegra e entristece” (p.13).

Moscovici (1995) argumenta que a paixão do brasileiro pelo futebol permite reorientar a vida coletiva e exerce um controle social. Segundo DaMatta (1989), as interações ocorridas

através do jogo de futebol possibilitam criar um fascinação que esse esporte exerce sobre a nossa vida, “expressando assim alguns dos conflitos básicos na sociedade brasileira” (p.67).

A integração de diferentes classes sociais através do futebol constitui-se em uma realidade que pode ser percebida em diferentes contextos socioculturais da sociedade brasileira. Podemos observá-la nas “peladas”³ de final de semana que muitas relações são estabelecidas durante o momento dos encontros esportivos. Os encontros são marcados de intencionalidades, em que cada indivíduo busca realizar-se esportiva e socialmente, dando sentido as suas necessidades e desejos. “Por trás da prática do futebol parecem existir valores individuais de afetividade, intencionalidade e outros, que são motores propulsores das motivações para a prática.” (SALLES, COSTA, 2001).

Segundo Elias e Dunning (1995), o jogo de futebol constitui uma forma de dinâmica de grupo com produção de tensão, especialmente no momento de lazer, que por um breve tempo permite um sentimento agradável que não é comum na rotina diária das pessoas. Colocam ainda que, numa sociedade do trabalho, o lazer é o único local público onde as pessoas podem realizar-se individualmente, considerando prioritariamente a sua satisfação pessoal.

Nos jogos de futebol lazer são estabelecidos contratos entre os praticantes. Contratos estes que asseguram a organização dos encontros, servindo de referência para resguardar os direitos e deveres de cada participante. Sem tal contrato o jogo poderia perder sua lógica interna, pois cada indivíduo poderia externar um determinado tipo de comportamento, promovendo um caos que prejudicaria a realização dos encontros. Por isso, é o contrato aceito e respeitado que, constituindo-se em norma, estabelece a harmonia e a socialização nos encontros. O seu desrespeito causariam conflitos e os encontros perderiam o sentido.

Parlebas (1988) desenvolveu uma teorização que denominou de “contrato lúdico”, fundamentado na teoria do contrato social de Jean Jaques Rousseau (1963). Para Rousseau o social não tem sua norma na natureza, mas no próprio homem. Argumenta Parlebas que é um contrato social exemplar, já que os próprios integrantes do grupo são responsáveis pela sua condução. “O regulamento lúdico instaura um código: é um sistema de limitações e possibilidades que modela os comportamentos dos praticantes” (p.89). As forças externas são minimizadas pela força do grupo. Parlebas (2001) refere-se ainda a um sistema concreto de obrigações livremente acatado. Trata-se de um pacto livre e coletivo. Assim, nos jogos de

futebol em forma de “pelada”, o contrato é respeitado, mesmo sendo intersubjetivo, pois a força e o desejo dos encontros são superiores aos conflitos pessoais.

Neste sentido, Abric (1994) estabelece a seguinte questão “... são as práticas sociais que determinariam as representações ou seria o inverso?” (p.217). O autor questiona ainda se as duas seriam indissociavelmente ligadas ou interdependentes?”. Para Abric o sistema de representação parece ser determinante para as práticas e os comportamentos.

As inter-relações ocorridas nos ambientes esportivos com características de lazer parecem ocorrer por afinidade dos praticantes com a modalidade e com o grupo social, nos mesmos modelos apontados por Salles (1998).

Baseados nas normatizações do jogo, tais contratos são estabelecidos quase sempre de modo invisível, de forma tácita, pois na maioria das vezes não ocorrem reuniões prévias para instituí-los; eles são incorporados pela tradição. Tais contratos ocorrem na interação, no decorrer dos encontros.

Durante o jogo muitas regras são construídas ou reestruturadas no intercâmbio entre as pessoas através de uma necessidade prática, ou seja, há uma adaptação das regras anteriormente estabelecidas e já instrumentalizadas, tendo como sentido a necessidade de interação. Tais regras não são transgredidas ou ignoradas, pois são criadas pelos próprios praticantes; é uma construção prática coletiva.

Se fossem seguidos todos os princípios fundamentados em regras, o jogo não teria a dinâmica que apresenta, pois algumas situações, como o tiro de meta, tiro de canto, tiro de saída, arremesso lateral e o impedimento, por exemplo, fariam com que houvesse muito tempo perdido. Desta forma, as normas instituídas pelo grupo favorecem uma flexibilidade quanto à execução de tais regras. Assim, por se tratar de um jogo livre, em que os valores são reordenados nos ideais do lazer, algumas regras são adaptadas dando mais dinâmica aos encontros. Em geral, nas “peladas”, parte das regras oficiais (que funcionam como lei) não tem sentido compatível com as necessidades diárias da prática popular. Neste sentido, Parlebas refere-se a um núcleo do jogo da seguinte forma: “um sistema de obrigações livremente acertadas” (p.90). Para ele, “as obrigações do jogo se acertam, pois esta é a condição imprescindível para realização do jogo e se cortejo de alegria” (p.91).

Para dar encaminhamento ao estudo, buscamos respostas para algumas questões orientadoras: Em que um grupo se fundamenta para se reunir e jogar? Há uma representação geral desta fundamentação pelos praticantes? O futebol seria o único elo dos encontros, ou haveria outros?

OBJETIVOS

Tendo em vista o que foi exposto na introdução e nas questões orientadoras, os objetivos do estudo são: compreender como é estabelecido o contrato lúdico na prática do futebol lazer, bem como compreender como o praticante de futebol lazer representa o convívio durante os encontros ludoesportivos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza qualitativa foi realizada dentro de uma perspectiva etnográfica (Coulon 1995), objetivando estudar os etnométodos que os indivíduos utilizam no seu dia a dia e que regulam e mantêm as relações sociais entre eles. O etnométodo é uma ciência dos saberes práticos, construídos na locução entre pesquisadores e pesquisados. É o saber constituído pelo indivíduo comum.

De acordo com Coulon (1995), o ator social não é um idiota cultural. O indivíduo deve ser visto e entendido como um ser capaz de constituir sua história de vida, explicá-la e interpretá-la. A pesquisa etnometodológica, então, busca compreender como os membros sociais constroem as suas atividades.

Quanto à abordagem qualitativa, ela proporciona uma visão mais ampla dos pressupostos que se deseja investigar, uma vez que a dinâmica social é permeada de fatos e valores dificilmente observados em outras abordagens. Na argumentação de Chizotti (2006) a abordagem qualitativa parte da premissa da inter-relação dinâmica entre o mundo real e o indivíduo, “uma interdependência viva entre o sujeito, o objeto e a subjetividade do sujeito” (p.87). Desta forma, o pesquisador passa a fazer parte da elaboração do conhecimento, analisando e interpretando os fenômenos norteadores das questões, atribuindo-lhes significados.

Para atingir os objetivos do presente estudo foram realizadas entrevistas do tipo exploratório, com questões semiestruturadas que possibilitaram traçar um mapeamento do *Salles, JGC.; Costa, IT.; Costa, VLM. Lúdico na prática do futebol. Rev Bras Futebol 2020; v. 13, n. 1, p. 73 – 91.*

campo investigado, colhendo informações necessárias à condução da pesquisa.⁴ O roteiro da entrevista foi elaborado objetivando desvendar as características gerais dos praticantes e o desenvolvimento da prática do futebol. As primeiras perguntas de ordem pessoal objetivaram saber qual a procedência, idade, características familiares, formação educacional, profissão e os vínculos entre os praticantes. As perguntas subsequentes buscaram saber como o sujeito constitui aquele momento, quais as finalidades, quais os interesses naquela prática, a relação com o grupo, a dinâmica do jogo, como o sujeito percebe o ambiente e o que faria naquele espaço, caso fosse o responsável pela administração do espaço. Estas duas últimas questões não foram abordadas neste momento do estudo.⁵

Os recortes das entrevistas foram utilizados com o propósito de ilustrar a análise e interpretação.

Também foram utilizados como instrumentos de coleta de dados os registros de observações diretas e o diário de campo, que serviram de suporte para as análises feitas no desenrolar do estudo. Segundo Ludke e André (1986), a observação direta favorece que o observador se aproxime da perspectiva dos sujeitos. Este acompanhamento *in loco* faz com que o pesquisador possa entender a realidade que cerca os indivíduos observados e o que contorna suas ações. As atividades do grupo foram acompanhadas durante quatro finais de semana de forma contínua.

Através destes procedimentos, procurou-se verificar como o contrato lúdico que fundamenta o futebol lazer é representado entre os praticantes neste grupo mencionado.

Amostra

A amostra desta pesquisa foi constituída por 20 praticantes (18-38 anos)⁶ de futebol lazer frequentadores de um campo localizado em um terreno baldio localizado no Morro do Escorpião; região periférica de Viçosa-MG. O bairro pode ser considerado uma favela urbanizada.

Pelos relatos dos informantes o grupo se formou voluntariamente (amigos, vizinhos, parentes, convidados) ao final dos anos de 1990. São aproximadamente 100 integrantes, que usufruem do espaço físico. Os adultos tem prioridade sobre as crianças e adolescentes que utilizam o mesmo espaço nos encontros que ocorrem aos finais de semana e em feriados.

Categorização do grupo

Pela classificação de Gurvitch (1996) este grupo pode ser considerado com um grupo semifechado. Para o autor, esse tipo de grupo é formado por integrantes que apresentam afinidades baseadas em algumas características comuns, tais como: proximidade de moradia, pertencimento a alguma turma formadas anteriormente (colégio, faculdade etc), laços familiares e amizades de infância.

Os informantes apresentaram as seguintes características: Quanto ao *grau de instrução*: três com ensino fundamental incompleto, dois com ensino fundamental completo, dez com ensino médio incompleto, quatro com ensino médio completo e um com ensino superior incompleto. Afirmaram exercer as seguintes *atividades profissionais*: três auxiliares de pedreiro, quatro auxiliares de supermercado, cinco balconistas, três comerciantes, dois mecânicos automotivos, um pedreiro, um segurança e um taxista. A faixa salarial declarada foi entre R\$ 800,00 e 2.850,00. Três deles estavam desempregados naquele momento. Quanto ao *estado civil*: sete solteiros, nove casados, três separados e um desquitado.

RESULTADOS, ANÁLISES, DISCUSSÃO E DAS PERSPECTIVAS DOS INTEGRANTES DO GRUPO

O vínculo de pertencimento ao grupo antecede o momento do jogo. Se pode presenciar também mulheres e crianças em amplas faixas etárias no entorno do terreno durante a realização dos jogos. A impressão do observador é que todos e todas são pertencentes a festa que constitui os encontros esportivos. Se as mulheres não encontram espaço no campo do jogo, usufruem dos encontros como momentos de lazer e confraternização.

Alguns integrantes são das comunidades vizinhas (Amoras, Vau-Açu e Laranjal). Entretanto, a proximidade de moradia em relação ao campo foi pontuada como fundamental para a formação do grupo.

“Aqui é bacana, pois a gente da nossa casa olha e vê quando o pessoal tá chegando.” (Inf. B – 31a)

“No domingo, eu acordo e desço. Fico aqui a manhã inteira” (Inf. I – 36a)

“Se eu acordo atrasado, venho tomando café morro acima.” (Inf. G – 27a)

“Todo mundo já sabe que no sábado é depois das dezesseis e no domingo depois das nove. Ai o pessoal vai chegando devagar.” (Inf. M – 23a)

Cinco integrantes disseram que em algumas noites jogam em um campo de futebol *soçaite* localizado ali perto no bairro vizinho. Neste local a prática deve ser pagar e o valor é cotizado entre os praticantes.

Outro fator relatado, quanto à prática neste campo fora da comunidade, foi a falta de espontaneidade dos encontros.

“Lá é diferente. Mesmo conhecendo todo muito, não temos a mesma liberdade. Aqui somos mais íntimos e isso faz a diferença. Aqui eu posso xingar um colega, pois fica de boa. Lá não! O futebol fica mais, mais formal. Acho que é isso! Não dá para brincar do mesmo jeito. O ambiente não é o nosso. Ai tem que ser diferente”. (Inf. G – 27a).

Outra barreira encontrada é o fato de que nestes campos *soçaite* haver o comércio de comidas e bebidas e alguns dos informantes disseram não ter dinheiro para poder consumir tais produtos.

“Eu gosto de jogar lá, mas é foda [sic] ver o pessoal tomando cerveja e não ter dinheiro para poder tomar umazinha.” (Inf. O – 32a)

“Lá é bacana, mas não tenho dinheiro para pagar. Vou quando o pessoal já pagou e me chama para completar o time. Eu não tenho mesmo dinheiro para pagar.” (Inf. P – 28a)

“Eu tenho dois garotos. Um de 13 e outro de 11 anos. Eles gostam de ir ficar comigo. Mas eu não tenho condições de pagar lanche para eles todos os dias. Ai, eu mesmo querendo ir lá, eu não vou. Eu fico sem beber vendo os outros tomando

a cerveja deles. Pô, eu consigo. Mas os moleques... eu sinto por eles. Por isso prefiro não ir sempre.” (Inf. T – 38a)

Quando a organização do jogo, disseram os informantes que buscam seguir a regra oficiais com algumas flexibilizações. O número de praticantes pode variar, mas nunca mais de 11 jogadores em cada equipe. O campo tem o tamanho reduzido⁷ em relação as dimensões oficiais, e, por isso, justificam que mais de 11 jogadores seria ruim para o desenvolvimento do jogo:

“Mais de 11 não rola. Fica feio. O jogo fica embolado.” (Inf. C – 28a)

“Se tive menos de 11 não tem problema. Se tiver mais, espera o time de fora.” (Inf. N – 31a)

A forma de desenvolvimento da partida está condicionada a alguns fatores que já está previamente acordado pelo grupo: O dia que não é torneio se joga partidas de 30 minutos. A equipe que vence fica para o próximo jogo e a derrotada dará lugar à outra equipe. Se uma equipe vencer dois jogos, ela sairá para que outros possam jogar também. Alguns ficam esperando muito tempo para poder continuar jogando. Quando é um torneio, o controle é mais rígido sobre os participantes e as regras do jogo.

No dia a dia a regra do impedimento não é aplicada. Os jogadores podem se posicionar onde quiserem sem que se tenha punição a equipe e o jogador. Isso se justifica pela complexidade da regra e, também, pela dimensão reduzida do campo.

O controle do tempo e das ações da partida é quase sempre realizado por algum integrante que ocupa a função do árbitro. Quando não tem a tal presença, o impasse é resolvido pela coletividade de forma rápida, pois a continuidade do jogo é mais importante do que os desentendimentos.

Mesmo havendo a presença do árbitro as decisões dele nem sempre são aceitas harmoniosamente, mas raramente se percebe desobediência exacerbada. Ele tem o controle, conforme relata um dos integrantes:

“A gente pode até não concordar, mas a maioria entende que se não tiver o juiz a coisa não funciona. Ele tem que controlar. É ele que põe ordem na casa, digamos assim. É igual no futebol profissional. Quem faz a falta acha que não fez. Se não for o juiz não tem jeito. Ninguém gosta de perder, ninguém mesmo! Mas, sempre tem aqueles mais estouradinhos⁸ que acham que vão ganhar tudo no grito. Ai o juiz é importante.” (Inf. K – 28a)

A formação das equipes se dá por sorteio ou por ordem de chegada. Não há uma rigidez quando a isso. Os integrantes respeitam as normas de participação estabelecida pelo grupo.

“Todo mundo já sabe qual é! Se não for por sorteio é por ordem de quem chegou primeiro. Sorteio é melhor, porque ai os times podem ficar mais equilibrados (...). Quando é ordem de chegada o time fica mais capengo. Eu prefiro o sorteio”. (Inf. R – 26a)

“Eu acho que o melhor mesmo é a ordem de chegada. Quem quer jogar primeiro, chega mais cedo. Não tem desculpa.” (Inf. H – 31a)

É comum a presença de familiares (esposas, pais e filhos) e outras pessoas que parecem fazer parte do círculo de amizade dos praticantes. Alguns jogos têm torcedores e críticos, denominados de corneteiros⁹ por um dos informantes.

“Tem gente que fica ai só cornetando [sic]... Ficam rindo quando a gente erra feio ou toma um drible!” (Inf. L – 25a).

O grupo começou a jogar juntos há muito tempo. Segundo o informante T, o mais velho que foi entrevistado, ele já está no grupo desde os anos finais da década de 1980, quando tinha 16 anos. Mas, ressalta que a formação do grupo ocorreu bem anteriormente em outro campo que ficava na parte baixa do morro.¹⁰

“Ainda havia poucas casas aqui por perto. (...) As pessoas vão chegando e outras vão saindo do grupo de forma natural. Vários senhores que hoje ficam ai vendo o jogo, jogavam antes deste grupo atual. Muito param de frequentar o grupo quando mudam daqui de perto. As vezes porque casaram e outros porque envelhecem. Mas, tem muito senhores jogando ainda. Alguns garotos não gostam porque eles perdem a bola e não conseguem correr (...) Mas, todos respeitam. São pais, avôs, tios... E todos querem brincar.” (Inf. T – 38a)

Para alguns a marca temporal é significativa. Colocam como natural o processo de reformulação do grupo.

“Eu nasci aqui. Via os outros jogar. Comecei cedo, bem cedo. Com 10 anos eu já vinha para cá e ficava jogando depois da aula. Quando fiquei adulto entrei para o grupo dos coroas. Eu nunca sai daqui de perto. Conheço todo mundo. Todos me conhecem. É o único local de lazer que temos aqui por perto. Ninguém tem dinheiro para pagar um clube. Se não for isso é só a cachaça nos botecos.” (Inf. P – 28a)

“Eu jogo desde quando eu tinha 12 anos. Terminava a aula eu subia o morro e ficava aqui até minha vó chamar para eu ir almoçar. Antes eu não podia jogar com os mais velhos. Daqui a pouco eu é que serei o velho... É assim que funciona. Sai um entra outro. O pessoal vai chegando e os mais velhos vão perder o espaço.” (Inf. R – 26a)

Ao indagar aos informantes acerca do que o futebol naquele local representava para eles, suas percepções foram pontuadas no sentido de valorizar o prazer e a diversão coletiva.

“Isso aqui dá sentido a minha semana! Eu não tenho outra forma de divertimento. É aqui que eu encontro os amigos e jogo bola. Se não jogar bola nos finais de semana fica tudo muito esquisito.” (Inf. K – 20a)

“Eu sempre sonhei em ser jogador de futebol. Eu queria muito. Fiz teste em vários clubes. Infelizmente a sorte não sorriu para mim. Na condição de miséria em que nasci, eu pensava que o futebol era a única solução que teria. Como a coisa não deu certo, eu joga aqui. Para mim essa pelada aqui é sagrada.” (Inf. T – 38a)

“O futebol é a coisa que eu mais gosto de fazer. Aqui eu me realizo. Aqui eu sou um craque. Quer dizer, eu me acho um craque.” (Inf. D – 18a)

“Sem o futebol no final de semana eu fico perdido. Quando chove e o pessoal não vem eu fico desorientado. Eu, se pudesse jogava aqui todos os dias.” (Inf. A – 21a)

“Eu nasci para o futebol. Infelizmente não consegui jogar profissionalmente. Me perdi nas companhias... bebidas, drogas. Má companhia... (...) Aqui passou a ser o meu local de divertimento onde posso jogar, me divertir com os amigos.” (Inf. K – 28a)

“Isso aqui é o único lazer que a gente tem aqui no morro. Sábado e domingo pobre não tem nada, quase nada para fazer se não for jogar futebol, não é mesmo? Isso aqui para mim é um grande prazer. Jogar bola e encontrar o pessoal.” (Inf. F – 25a)

Percebemos que o consumo da erva *cannabis*¹¹ é comum para alguns dos praticamente, principalmente, quando se encontram no espaço apenas os mais jovens. Tal consumo é realizado de forma discreta, embora pareça ser algo consentido por todos. Isso parece demonstrar que o futebol também, promove outros processos interativos fugindo a lógica do discurso veiculado a educação e a saúde.

A forma de relacionamento entre os praticantes sugere haver uma relação afetiva que extrapola o espaço da prática do jogo. São amigos e parentes que vivem o futebol como complemento de suas relações.

“Meus amigos estão todos aqui. É com eles que saio para a noite.” (Inf. Q – 19a)

“Aqui estão os amigos que conheci desde pequeno. Somos amigos mesmo. Um vive na casa do outro. Somos parceiros de verdade!” (Inf. J – 22a)

Quando ocorre um gol as comemorações são realizadas com muita alegria, sejam em ações individuais ou coletivas. Quase sempre o jeito de comemoração é determinado pelo jogador que marcou o gol, nos mesmos moldes que podemos presenciar no futebol profissional.

Embora o futebol seja o ponto de convergência dos encontros, a necessidade e o prazer de estar com os outros indivíduos colocam a sociabilidade como uma categoria importante nos interesses demonstrados pelos informantes. Para Simmel (1983), a sociabilidade é a forma que as pessoas buscam para satisfazer seus próprios interesses, quer sejam temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes. São tais interesses que formam a base das sociedades humanas. Todas as associações se caracterizam, pelo sentimento existente entre seus membros, de estarem associados, e pela satisfação derivada do interesse e necessidade.

“No domingo é que tenho tempo para conversar com os amigos aqui na beira do campo.” (Inf. I – 36a)

“No dia a dia não paro com ninguém, subo o morro louco para chegar em casa. Chego cansado, quero ir para casa. Aqui no campo a gente se diverte e sabe um da vida do outro.” (Inf. N – 31a)

Argumenta Simmel que a sociabilidade cria um mundo artificial, onde se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se “faz de conta” que cada um é reverenciado em particular.

“Aqui todos são humildes. Ninguém é superior a ninguém. Cada um faz o que quer e os outros respeitam.” (Inf. G – 27a)

Elias e Dunning (1995) também argumentam que a sociabilidade desempenha um papel básico na maioria das atividades de lazer. Um elemento do prazer é o sentimento

Salles, JGC.; Costa, IT.; Costa, VLM. Lúdico na prática do futebol. Rev Bras Futebol 2020; v. 13, n. 1, p. 73 – 91.

agradável vivido através da companhia de outras pessoas, com as quais não se tem qualquer obrigação ou dever. Trata-se de um envolvimento voluntário. Lever (1983) coloca que “a participação ativa no mundo do futebol (semelhante a igreja) parecem ser caminhos alternativos para vincular os indivíduos à sua comunidade” (p.143). Através da observação direta e nos argumentos de alguns dos informantes percebeu-se que as pessoas reagem de formas distintas quanto à relação grupal. Enquanto para uns o relacionamento durante a preparação do jogo é bastante intenso, para outros só há cumplicidade durante os jogos. Não estando jogando, não se envolve com outros participantes.

Em geral, o jogo deste grupo observado é caracterizado por uma grande harmonia entre os participantes, em que a violência física tem pouca expressão.

Para Elias e Danning (1995), é fácil perceber como as instruções e ações do lazer se estruturam para promover excitações agradáveis em combinação com a escolha individual. Segundo eles, “muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar de alguma forma o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos.” (p.237)

CONCLUSÃO

O futebol sugere ser o eixo basal dos encontros. Entretanto, como justificar a presença das mulheres e crianças que não jogam? Parecem existir outros fatores socializantes que surgem desta modalidade, ocasionando diferentes quadros nas relações sociais.

O futebol lazer aparece como um espaço de transgressão da rotina diária das pessoas. No campo, ainda que por pouco tempo, há uma tentativa de descomprometimento com as imposições sociais, promovendo um espaço de festa e confraternização dos amigos e da família.

REFERÊNCIAS

1. Abric JC. Pratiques sociales, représentations sociales. *In*: Abric, JC. (Org.). Pratiques sociales et représentations. Paris: Presses Universitaires de France, p. 217-238. 1994.
2. Chizotti A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez. 2006.
3. Coulon A. Etnometodologia. Barcelona: Ediciones Paidós. 1995.

Salles, JGC.; Costa, IT.; Costa, VLM. Lúdico na prática do futebol. Rev Bras Futebol 2020; v. 13, n. 1, p. 73 – 91.

4. DaMatta R. Esporte na sociedade: futebol como drama nacional. In: Coleman, James et al.. Sociologia da religião. Petrópolis: Vozes. p.62-74. 1989.
5. Gurvitch G. In: Dicionário do Pensamento Social do Século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 1996.
6. Elias N, Danning E. A busca da excitação. Lisboa: Memória e Sociedade. 1995.
7. Lever J. A loucura do futebol. Rio de Janeiro: Record. 1983.
8. Meihy JCS, Witter JS. Futebol e cultura - Coletânea de estudos. São Paulo: IMESP/DAESP. 1982.
9. Moscovici S. Reflexions à propos de representations sportives. In: Baillet F. & Brohm JM. Quel corps - critique de la modernité sportive. Paris: Les Editions de la Passion. 1995.
10. Parlebas P. Juegos, deporte y sociedad. Léxico de Praxiología Motriz. Barcelona: Paidotribo. 2001.
11. Parlebas P. Elementos de sociología del deporte. Málaga (Spain): Universidad Internacional Desportiva de Andalucía. 1988.
12. Rosenfeld A. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1993.
13. Rousseau JJ. Contrato social. 7. Ed. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S. A. 1963.
14. Salles JGC, Costa VLM. El gusto, la destreza y ja utilidad de práctica del fútbol recreativo. Bueno Aires (On line). Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires). p. 1-11. 2008.
15. Salles JGC, Costa VLM. Futebol popular no Aterro do Flamengo: Contrato lúdico e inclusão social no lazer. Viçosa. UFV. Revista Mineira de Educação Física. Vol 8. p. 82-102. 2001.
16. Salles JGC. O contrato lúdico na prática do futebol lazer: Estudo da representação social. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. 1998.
17. Salles JGC, Silva MCP, Costa MM, Costa VLM. Futebol de Praia. Representações simbólicas do espaço lúdico. Revista Mineira de Educação Física. Universidade Federal de Viçosa. V. 5. n.1. p. 17-27. 1997.
18. Simmel G. Sociologia. São Paulo: Ática. 1983.

¹ Viçosa é uma pequena cidade do estado de Minas Gerais, localizada na Zona da Mata Mineira, na região central do Brasil. Apesar de pouco mais de 70 mil habitantes, é uma cidade que concentra praticamente todos os mesmos

Salles, JGC.; Costa, IT.; Costa, VLM. Lúdico na prática do futebol. Rev Bras Futebol 2020; v. 13, n. 1, p. 73 – 91.

problemas de ordem sociais dos grandes centros urbanos brasileiros (violência, falta de trabalho, moradias precárias, saneamento urbano etc). São contabilizados 15 aglomerados de residência que podem ser considerados favelas, embora não seja comum essa denominação na cidade. Em geral, a conceituação favela é comum as capitais e cidades de grande porte no Brasil. A precariedade de infraestrutura do município faz com que vários dos direitos básicos sociais não sejam atendidos. A topografia urbana do município contribui para que isso seja uma realidade distante do ideal.

² Este estudo teve como embasamento teórico e metodológico a dissertação de mestrado “O contrato lúdico na prática do futebol lazer: estudo da representação social”, orientada por um e defendida por outro dos autores deste texto na Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro.

³ Nome que recebe o jogo de futebol realizado em momentos de lazer, o futebol informal jogado por populares. Em algumas regiões brasileiras esta mesma estrutura de jogo é denominada de racha ou baba.

⁴ Estudo desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol (NUPEF) – Universidade Federal de Viçosa – Brasil. http://www.nucleofutebol.ufv.br/?page_id=106

⁵ Nestas questões buscamos dar voz aos atores sociais, no sentido de entender como eles representam o espaço e quais as modificações fariam no ambiente caso tivessem poder de resolução. Essas questões não entraram neste texto devido aos limites de palavras estabelecidos pelo editor.

⁶ O grupo era formado por aproximadamente uma centena de indivíduos adultos com faixas etárias variadas (18 a 60 anos). Para este estudo, optamos por praticantes agrupados entre 18 e 40 anos. Também neste mesmo espaço nos demais dias da semana se pode perceber a utilização por outros grupos de praticantes (crianças, adolescentes e meninas).

⁷ O campo tem aproximadamente 50 x 25. Está gramado, mas de forma irregular. Ao fundo se pode ver outra trave de madeira, que é utilizada pelas crianças que também ocupam o espaço.

⁸ “Estouradinho”, na fala do informante e a forma de se referir a um companheiro nervoso, intempestivo.

⁹ “Corneteando” - Cornetear no sentido apontando pelo informante, significa ficar criticando de forma alegre as falhas grosseiras no trato com a bola que ocorrem nos jogos.

¹⁰ Um dos moradores nos disse que a prática do futebol no campo que localizava na parte baixa do morro começou nos anos 1970, quando a região era pouco habitada. Disse que de uma hora para outra o campo foi desfeito. Ele lamentou tal fato, dizendo que lá ocorriam vários campeonatos entre os

bairros circunvizinhos (Amoras, Bananal, Laranjeiras, Floresta, Vau-açu e Morro do Escorpião)

¹¹ Essa mesma constatação foi observada nos estudos de Salles et al (1997) e Salles (1998) realizados no Rio de Janeiro – RJ, tanto na praia, quando no Aterro do Flamengo.